

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

VOLUME 7.º

1.º DE MARÇO DE 1848.

N.º 77

O PROPHETA MISTERIOSO.

Nos fins do seculo passado, nos ultimos annos do reinado do Sardanapalo francez, Luiz XV, existia uma moça formosissima : seu corpo esbelto e elegante, seus grandes olhos azues, sua boca encantadora, seu olhar vivo, terno e voluptuoso, seus mimosos pés, suas mãos delicadissimas erão-lhe armas poderosas que lhe asseguravão a conquista dos corações. — Chamavão-a mademoiselle Lange. Amazia do conde du Barry, seus favores andavão em almoeda a quem mais desse, e com o sordido preço que lucrava, sustentava os prodigos vicios de seu amante.

Filha natural de uma pobre costureira, tinha ella pas-

sado por varios degraus de corrupção antes de chegar a esse em que a achamos.

Educada n'um convento, ao sahir delle entrou para a casa de uma costureira-modista, mas levada por seu genio, não se podendo contentar com os laboriosos ganhos da agulha, ella achou que devia constituir-se sacerdotiza de Venus mercenaria.

Havia nesse tempo uma marquezia Duquesnoy que dava partidas de jogo, e para engodar os tôlos, e depennar os patinhos, convidava quantas conhecia prodigas de seus amores, estipulando a competente commissão. Nesse covil teve entrada a nossa Venus.

Nessa noute ahi encontrou-se um conde João du Barry, homem de crapulosa immo-

ralidade, perdido de dividas, e que vivia á custa do jogo e das moças. Mademoiselle Lange deu-lhe no olho; sua infamia logo calculou quanto lucraria, tomando-a por amante: fez-lhe offertas, que forão acceitas: e aqui temos nossa mademoiselle Lange impatronizada no mundo, e amazia de um conde. E' nessa posição que a tomamos para assumptô deste appendice.

Um dia estando a passeiar no jardim das Tulherias sentiu que a acompanhavão; — voltou-se, e deu com um moço elegante: seus olhos grandes, pretos, e cheios de fogo, sua boca engraçada, e mais que tudo um não sei que mysterioso e melancholico, que se descobria em sua phisionomia, o tornavão interessante: elle trajava uma casaca de seda azul clara, bordada de estreito galão de oiro, calções da mesma fazenda, jaleco amarello desmaiado: suas fivelas, seu calçado, sua espada, seu chapéu, tudo indicava bom gosto, e riqueza.

Mademoiselle Lange continuou seu passeio, não sem muitas vezes parar, sem muitas vezes virar-se: o mancebo acompanhou-a inseparavel; quando ella parava, elle tambem parava; quando appressava o passo, elle tambem appressava o passo; dir-se-hia que era sua sombra.

Emfim a moça recolheu-se para sua casa: o mancebo ficou muito tempo parado em frente della, e só retirou-se quando chegou à noite.

No dia seguinte ao sahir para o seu passeio, mademoiselle Lange encontrou-o de novo á sua porta; de novo elle acompanhou-a, de novo, quando ella se recolheu, ficou parado diante de sua janella.

Tinha-lhe nesse passeio mademoiselle Lange facilitado mil occasiões de chegar-se para ella, de com ella fallar, já affectando passar pelos lugares mais retirados, já parando, e lançando-lhe olhares animadores; mas ou fosse por nimia timidez, ou por algum motivo secreto, o man-

cebo sempre se conservava na mesma distancia , nem se chegava , nem fallava.

Tão extravagante procedimento excitou a curiosidade feminina de mademoiselle Lange. Apenas chegada á casa, chamou uma criada , que tinha , muito experta , e deu-lhe commissão para ir inquirir do mysterioso mancebo o que lhe queria , e porque a acompanhava. A criada sahio , e ella foi-se pôr, por detraz da vidraça da janella , á espreita do que se passava , viu a criada chegar-se para o moço , viu que com elle travava animada conversa , viu-a retirar-se apressada , e o mancebo, com manifesto descontentamento, e insólito carregume retirar-se tambem. — E então? disse ella , apenas viu a criada. — Ah ! sr.ª , aquelle moço é um doudo, ou causa ainda peor; disse-me, que vos não acompanhava, que com vosco se não importava , e que nada queria. —

Semelhante resposta não era de natureza a tranquillizar

o espirito de mademoiselle Lange, antes deu campo á mil conjecturas, cada qual mais absurda e infundada. — Será algum ladrão , algum assassino ? — dizia ella , e tremia. Todavia na manhã seguinte, a curiosidade vencendo os receios , ella animou-se a passeiar. Era principio do inverno, cahia muita neblina. Ao sahir ella olhou em torno de si , não vio o moço ; dirigiu-se para o lugar de seu costumado passeio , tudo estava deserto. A cerração ia augmentando, já em pequena distancia mal se distinguão os objectos. Eis que de entre o nevoeiro , surge de subito por detraz della um individuo ; ella volta-se , era o mysterioso mancebo. — Sr. ! snr. , não me mateis ! exclama espavorida , nunca vos offendi, nunca... — Tinha-se a esse tempo o moço lançado a seus pés , e beijando-lhe as mãos : Snr.ª , dizia com voz meiga e melancholica , promettei-me, ah ! promettei-me que me concedereis a primei-

ra mercê que vos pedir, quando fôrdes rainha de França! — Sim, sim, quando eu fôr rainha de França conceder-vos-hei quantas mercês me pedirdes, por agora deixae-me, — respondeu ella appressada e com um tom em que se descobria o receio de achar-se a sós com um louco, que de um instante para outro podia tornar-se furioso, o desejo de ver-se quanto antes livre de tão perigosa companhia, e a vontade de rir que devia causar tamanho disparate. — Não me tomeis por louco, tornou-lhe o moço, que havia percebido os secretos sentimentos de mademoiselle Lange, vossa elevação será extraordinaria, como extraordinaria será vossa queda! Adeus, rainha de França, nós nos tornaremos á vêr, lembrae-vos de mim, rainha de França. — Disse e retirou-se.

Passarão-se os tempos: mademoiselle Lange, correndo seus destinos, havia subido ao leito do rei de França, a amante de João du Darry era

amante de Luiz XV, e a filha sem nome dos impudicos amores de uma costureira, chamava-se condeça du Barry, era mulher legitima de um conde de França.

Tudo na côrte obedecia ás suas ordens: uma meretriz da mais infima relé calcava aos pés o orgulho da nobreza, fazia e desfazia ministros, espardecava aos milhões o dinheiro do erario, era na realidade rainha de França, e rainha absoluta.

No meio de suas novas grandezas, que mezes antes nem mesmo suppunha possiveis, tinha-se ella inteiramente esquecido do mysterioso propheta, que lh'as havia annunciado. Um dia ao entrar na real capella, para ouvir missa, seus olhos distrahidos encontrão parado á porta e trajando as mesmas vestes o elegante mancebo; um doce sorriso animou-lhe o bello melancolico semblante, elle inclinou o corpo como para cumprimenta-la, e ella ouviu que em tom baixo lhe dizia:

— Lembrastes-vos de mim, rainha de França? — A condeça perturbou-se, corou, quiz responder: mas em balde procurou o mancebo, elle havia desaparecido. Durante o officio divino seus olhos inquietos, em vez de religiosamente contemplarem as ceremonias santas, a que tinha vindo assistir, percorrião investigadores todo o interior do edificio: em balde elle tinha desaparecido.

Nunca o officio divino lhe pareceu tão comprido, nunca tanto desejou vê-lo acabar; em fim elle terminou: recolhida a seu palacio, a condeça mandou chamar o ministro da policia, e deu-lhe ordem para que fizesse apparecer o joven mysterioso. Para fazer-lhe a vontade, a policia desenvolveu todas as suas forças, todos os seus espiões sahirão a campo; a condeça esperava em breve satisfazer sua curiosidade, quando uma manhã, ao erguer-se, acha a seu lado, uma carta feixada com cinco sellos pretos, e tendo

pintada no sobre scripto uma caveira; abriu-a, e leu o seguinte: —

“ Senhora. — Em vosso nome
 “ me perseguem-me; a policia
 “ não poupa diligencias
 “ para saber quem sou, onde
 “ moro. Onde moro! ah!
 “ ninguem deseje sabel-o!
 “ Quando se entra na minha
 “ casa, é para nunca mais
 “ sahir. Quem sou! ah! que
 “ ninguem o póde saber se-
 “ não morrendo.
 “ Fazei pois cessar as impor-
 “ tunas indagações da poli-
 “ cia. Annunciei-vos prosperi-
 “ dades, não me enganar:
 “ annuncio-vos catastrophes,
 “ não me engano: ver-me-
 “ heis ainda uma vez que será
 “ a terceira: ah! se me ti-
 “ verdes de vêr pela quarta
 “ vez!.. Infeliz! eu vos las-
 “ timo! ,

Essa mysteriosa carta, essa caveira, esses sellos pretos, esses symbolos da morte, esse tom ameaçador levarão a perturbação ao espirito da real meretriz: no mesmo dia o ministro da policia teve ordem

para cessar suas indagações.

No turbilhão dos prazeres que a rodeiavão, na guerra viva de intrigas cortezãas em que se achava envolvida, pouco tempo teve a condeça du Bury para meditar nessa carta; sua tristeza em breve dissipou-se, e nem mesmo recordações lhe ficarão da annunciada catastrophe.

Em fim uma hedionda, e terrível enfermidade, fructo da libedinagem e da depravação veio accommerter a velhice do real amante da condeça. Luiz XV morreu. Um dos primeiros cuidados de seu successor foi expulsar do palacio, e fazer recolher a um convento a amante de seu pae.

Quando ia obedecer a essa ordem, quando entrava no coche, -- ouviu a condeça uma voz baixa que lhe disse ao ouvido: -- Eis a catastrophe que te havia promettido, -- lembras-te de mim, rainha de França? -- Ah! exclamou ella, e virando-se deu com o mysterioso propheta. Este inclinou-se, saudando-a, e con-

fundindo-se com a multidão, desapareceu. O coche partiu, e a condeça recolhida, mau grado seu, a um convento, teve de fazer longa penitencia de sua vida peccadora.

Os annos volverão. -- O genio das revoluções havia sooprado sobre a França... Luiz XVI, o rei reformador, tinha pago na guilhotina os desperdicios e os crimes de seus antepassados... o sangue corria aos jorros... Essa brilhante nobreza de França que o occio tinha corumpido, que a licção dos reis e dos principes tinha feito chegar ao ultimo grau de immoralidade e depravação achava-se dispersa em terras extranhas, mendigando o pão da esmola, exposta á miseria. A condeça du Barry intrepida, e generosa espalha o boato que fôra roubada, que os ladrões haviam assaltado sua quinta, e levado suas joias, que valião mais de 1:800:000 francos, -- ella espalha que tem noticia que os ladrões se achão na Inglaterra, e apoiada por esses

rumores, implora e obtem o que então difficilmente se conseguia — um passaporte para Inglaterra. — Mas suas joias não lhe havião sido roubadas, ella as tinha mandado vender em Amsterdam, e era o preço dellas, erão esses 1:800:000 fr. que ia distribuir na Inglaterra pelos nobres foragidos. De volta de sua missão de charidade, a ex-condeça du Barry retirou-se para sua quinta, e ahi empregava seus dias e a immensa fortuna, que tinha amuado, em soccorrer os augustos infortunios das victimas do terror.

Mas nessa epocha erão crimes a generosidade e a virtude. Madame du Barry foi levada ante o tribunal revolucionario, e condemnada á morte.

Já no carro fatal a misera recordava todas as circumstancias de sua extraordinaria existencia; ella recordava, como da misera cazinha de uma pobre costureira, se havia erguido até o palacio de Versalhes, até o leito de um rei de Fran-

ça: ella, pobre moça, sem pae, sem protector no mundo, tinha-se elevado ao mais alto grau de poder a que póde levar-se uma mulher! Um terrivel presentimento aperta-lhe o coração, ella recorda-se do elegante mancebo, de suas inesperadas appareções, das ameaçadoras palavras, de sua carta... — Que te disse eu, lembraste de mim. rainha de França, — diz-lhe ao ouvido uma voz que ella bem conhece. A infeliz virase, dá com o mysterioso propheta..... era o carrasco!

HISTORIA DE UNS AMORES ANTES DO DILUVIO.

Era Hilpa uma das cento e cincoenta filhas de Zilpah, descendente de Cohu, que alguns autores julgão ser Cain. Como fosse muito formosa, ainda não bem contava setenta annos de idade, e já attendia ás finezas, que lhe rendião varios moços, que a namoravão. Entre estes se distinguião dous irmãos, Harphat, e Shalum: o primogenito, Harphat, era senhor da

fertil região, que se acha situada nas faldas do monte Tirzah, ao sul da China. Shalum, (que na lingua Chinezã significa lavrador), possuia todos os outeiros circumvisinhos, e aquella corda de serras, geralmente chamada *Cordilheira de Tirzah*. Harpath era dotado de um character activo e desprezador; tinha Shalum um genio meigo e brando, gosava da estimação de Deos, e do amor dos homens.

Dizem que antes do diluvio, chegarão as filhas de Cohu a fazer-se celebres, em consequencia do muito aprêço, em que tinham as riquezas: e foi por este motivo que a bella Hilpa, vendo os numerosos rebanhos de Harpath espalhados pelas vastas e ricas terras que rematão nas faldas da Cordilheira de Tirzah, e admirando as claras fontes, e os muitos ribeiros, que as aformosêão, preferio este a Shalum.

Harpath andou tão depressa com o seu namôro, que casou com Hilpa ainda na flor da idade, pois que ella ape-

nas contava cem annos; e por isso que era em extremo arrogante e insolente, fez escarneo de seu irmão Shalum, o qual, não possuindo mais do que uma extensa cadêa de rochêdos e de montes, tivera a ousadia de aspirar á mão da formosa Hilpa. Shalum resentio-se tanto d'este insulto, que amaldiçoou a seu irmão na amargura de seu coração, e fervorosamente pediu a Deos que o fizesse expirar esmagado pela quêda de um de seus montes, se elle algum dia, fugindo aos ardentes raios do sol, viesse procurar descansar á sombra d'elles.

Desde então nunca Harpath se aventurou a passar os limites de seus valles; mas, affogando-se n'um rio, ao querer atravessal-o, terminou por uma morte prematura a sua brilhante carreira, aos duzentos e cincoenta annos de idade. Em consequencia d'este triste acontecimento, dêo-se ao tal rio o nome de Harpath; e o que não deixa de parecer extraordinario, é que elle nas-

ce na baze de um d'aquelles montes, que Shalum, no momento de amaldiçoar a seu irmão na amargura de seu coração, desejára que o sepultasse debaixo de si.

Tinha Hilpa só cento e sessenta annos, quando seu marido lhe faltou, e não ficou senão com cincoenta filhos que d'elle houve.

Principiárão logo muitos a fazer a côrte á joven viuva, se bém que se persuadissem que a todos levaria a palma o seu primeiro amante Shalum; o qual de novo lhe tributou seus affectos, perto de dez annos depois da morte de Harpath: n'aquelle tempo, não ficava airoso a uma viuva receber os obsequios, e corresponder ás finezas de um homem, senão no fim de dez annos de viuvez.

Passava Shalum a sua vida entregue a uma profunda melancolia; e como estivesse resolvido a remover o grande obstáculo, que impedira a sua tão desejada união com Hilpa, principiou, logo que se

effectuou o casamento de Harpath, a cultivar a região montanhosa, que lhe tocára por sorte. Elle conhecia perfeitamente a qualidade do terreno, que convinha ás diversas plantas; e até dizem que herdára do primeiro homem muitos segredos d'esta importante arte. Este trabalho, ao passo que o distrahia de suas penas, foi-lhe no resultado sumamente proveitoso: dentro em poucos annos apparecêrão seus montes cobertos de tenras arvores, as quaes, á medida que ião crescendo, ião tambem formando lindos arvoredos, bosques, e florestas, intermediados com passeios, e jardins; tanto que toda aquella região, triste, nua, e despovoada, como era d'antes, em tudo parecia agora um segundo paraizo. A belleza do lugar, e as maneiras civis e delicadas de Shalum, a quem os contemporaneos tinham pelo homem mais affavel e mais sabio do seu tempo, atrahirão milhares de pessoas, que sem inter-

rupção se dêrão ao trabalho de fabricar poços, e cavar fossos, a fim de encaminhar a agua para todos os pontos d'aquella vasta plantação.

As moradas de Shalum cada anno parecião mais formosas aos olhos de Hilpa; no fim de setenta outonos ficou ella por extrêmo encantada da agradavel perspectiva das montanhas de Shalum; as quaes, a esse tempo achando-se já cobertas de um sem conto de arvores, offerecião á vista a paisagem mais formosa possível.

Os Chinas conservão uma carta, que, segundo dizem, Shalum escrevêra a Hilpa, no undecimo anno da sua viuvez. Aqui a transcrêvo fielmente, julgando não dever affastarme da simplicidade, e da franqueza dos sentimentos, que tanto luzem no original.

Shalum tinha n'aquelle tempo cento e oitenta annos, e Hilpa cento e setenta.

Shalum, senhor do Monte Tirzah, a Hilpa, Senhora dos Valles.

No anno 788 depois da criação do mundo.

“ Quanto não tenho eu soffrido, oh tu, filha de Zilpah! desde que te lançaste nos braços do meu rival! Aborrecido da luz do sol, busquei a escuridão, e sempre tenho vivido longe do mundo no centro dos bosques e florestas. Pelo espaço de setenta annos tenho eu deplorado a tua perda no cume do monte Tirzah, e muito me hei esforçado por suavisar a minha melancolia, nutrindo-a por entre as tristonhas sombras, que muito além do numero de mil se contão nas minhas montanhas. Hoje essas minhas moradas assemelhão-se ao jardim de Deos; a cada passo n'ellas se encontrão frutas, ores, e fontes. Já mandei perfumar todo o monte, para te convidar a vir honral-o com a tua presença. Vem pois, deixa os teus valles, oh minha muito amada! e povoêmos esta pequena porção do mundo com uma linda raça de mortaes; sim, a-

formoseêmos estas agradaveis
sombas com um numero
prodigioso de filhos, e filhas.
Lembra-te, oh filha de Zilpah!
que a idade do homem não
passa além de cem mil annos;
que a belleza, esse divino dom,
que tanto te adorna, não dura
senão uns poucos de seculos.
Ella florece á maneira do car-
valho, ou do cedro, que se
descobre no cumo do monte
Tirzah, o qual, no fim de tre-
zentos ou quatrocentos annos,
murcha, perece, e d'elle a
posteridade se não recorda
mais, se de suas raizes não
brotarem tenras hastes. Pen-
sa bem nisto, e conserva sem-
pre na lembrança o teu vi-
sinho das montanhas. ,,

Tendo inserido esta carta,
que me parece ser o unico
bilhete de amores do tempo an-
terior ao Diluvio, que hoje ex-
iste, no numero seguinte trans-
creverei a sua resposta, e a
conclusão d'esta historia.

LONGEVIDADE.

Manoel Carvalho da Costa,
nascido em Paraty, mora a-

ctualmente na Bucaina, pro-
vincia de S. Paulo, aonde
exerce a profissão de lavra-
dor, no meio da abastanca;
tem de idade 107 annos, e pos-
to que avelhentado é assaz for-
te para esta idade, na qual
goza integralmente das facul-
dades da alma, sendo seu gos-
to predilecto relatar a todos
as mais pequenas circumstan-
cias de sua vida e mocidade.

Sem se poder jactar de gas-
tronomo, come este veterano
todos os dias, ao almoço, u-
ma galinha assada, um pra-
to de hervas com ovos e fa-
rinha de milho, e bebe sem
grande repugnancia meia
garrafa de vinho, sem contar
que por desfastio costuma ma-
tar o bicho, no inverno, com
meio martelinho da branca.

Foi casado uma só vez e
enviuou aos 99 annos, subs-
tituindo logo no primeiro dia,
o logar da defunta por uma
caseira bella de menos de 30
annos, a qual, rumorão as
más linguas, accelerára a
morte da primeira por ciumes.
Teve do legitimo matrimonio,

vinte filhos; dos quaes, doze, vierão ao mundo aos pares, de seis vezes; e conta hoje vivos cem netos, quinze bisnetos e seis tataranetos, tendo o mais velho 8 annos de idade. Parece que este veterano da especie humana, não está muito resolvido a, de motu proprio, deixar este mundo, visto que pretendendo-se grande picador, não monta a cavallo, sem o ter antes feito cançar por um dos filhos ou netos, e ainda assim faz-se amparar pelos lados por dous escravos que o contenhão; nos dias de grande calor não se expõe ao sol, resguarda-se da chuva e em uma palavra é a hygiene personalisada. (Est.)

COMPENDIO

DA

ORTHOGRAFIA

DA

LINGUA NACIONAL.

PELO PROFESSOR

ANTONIO ALVARES PEREIRA COBUJA.

MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO, E NATURAL
DA CIDADE DE PORTO-ALEGRE, CAPITAL DA PROVINCIA DE SÃO
PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL, ETC.

Animado pelo bom successo de alguns Compendios que tenho organizado para o ensino da mocidade de que a vinte annos me occupo, emprehendi o presente *Compendio da Orthografia da Lingua Nacional* de que tanto carecíamos.

Depois que o padre *João de Moraes de Madureira Feijó* em 1734 fez imprimir a sua orthografia, em gran-

de parte fundada nos principios do padre D. Rafael Bluteau, nenhuma outra tem apparecido que possa satisfazer os desejos dos estudiosos: mas assim como antes delle *João de Barros*, o Licenciado *Duarte Nunes de Leão*, *Alvaro Ferreira de Vera* e outros fizeram neste genero excellentes composições, algumas das quaes pelo volver dos tempos cahirão em desuso; assim tambem o padre *Madureira* depois que appareceram os Dictionarios de *Antonio de Moraes e Silva* e *Francisco Solano Constancio*, tem perdido aquelle interesse que inspirára na época de sua primeira edição. Porém o grande vulto daquelles Dictionarios, a cuja leitura por elevado preço não podem chegar todas as classes, principalmente a daquelles que não tendo em vista procurar significações de palavras contentão-se com bem escrevê-las, faz que suas doutrinas não possam chegar a todos: julguei portanto fazer um serviço apresentando compendiadamente a presente Orthografia que contendo a mesma ordem nas doutrinas de que tratou o padre *Madureira*, encerra todavia explicações minuciosas, claras e concisas das materias que fazem o seu objecto.

Neste Compendio encontrará o Leitor explicações sobre as letras do alfabeto, seu uso e pronuncia, e sobre os ditongos; os diversos sons de algumas consoantes nas linguas vivas, com que estamos mais em relação; observações á cerca do uso de *a*, *e*, *w*, *k*, *ph*, *lh*, *y*, autorisadas com explicações de differentes autores; re-

gras sobre as consoantes dobradas; formação dos pluraes dos nomes e diversas inflexões dos mesmos tanto nos substantivos como nos adjectivos; uso das abreviaturas dos nomes tanto na pratica commum e na commercial, como na scientifica; regras de pontuação acompanhadas de exemplos apropriados e explicações dos differentes signaes orthograficos e accentos prosodicos; conjugações dos verbos regulares e irregulares, e as diversas inflexões em suas differentes vozes; nomes proprios de homens e mulheres, e alguns sobrenomes de escriptura duvidosa em ordem alfabetica; nomes das cidades e villas notaveis do Brasil tambem em ordem alfabetica, e escriptos da maneira porque tem apparecido nas peças officiaes.

Seguir-se-ha um extenso Vocabulario, que alem de mencionar as palavras mal pronunciadas entre o vulgo, constará em geral de todas as palavras de nossa lingua que apresentarem duvida na pronuncia ou na escripta: os nomes em cuja pronuncia ou modo de escrever houver duvida irão com ella explicada; os pluraes duvidosos, irão por extenso; os superlativos irregulares e alguns comparativos irão unidos a seus positivos; irão tambem por extenso as terminações femininas de adjectivos em que possa haver duvida; os verbos irregulares terão referencia á pagina em que se achar a sua respectiva conjugação: os participios irregulares irão juntos de seus respectivos verbos. Encontrar-se-hão neste Vocabulario as palavras que tem *ch* com som de

g; as de x com suas diferentes pronúncias; as de som ambiguo entre e e i, e entre o e u; as que tiverem de escrever-se com c e ss, g e j, s e z, ch e x; as que tem u liquido nas sillabas gue e gui, que e qui; as que se houverem de escrever com th, e em geral as de consoantes dobradas: explicações das palavras de pronúncia semelhante, que se escrevem diversamente segundo a differença de suas significações; muitos nomes estrangeiros entre nós introduzidos, com os nossos correspondentes ao lado a fim de se fazer delles bom uso e evitar o seu abuso; muitos nomes irão com a explicação de sua pronúncia, o que a tornará mais facil aos estrangeiros; em geral todos os nomes do Vocabulario irão acompanhados da classificação a que pertencem entre as partes da Oração, o que muito facilitará aos que se derem ao estudo da analyse grammatical.

Não é este livro escrito para os sábios e literatos, que além da opinião que já devem ter formado sobre a materia; terão sem duvida excellentes autores a consultar; desses espero eu em tempo a devida critica para melhor perfeição da obra em alguma futura edição: escrevo sim para aquelles que não podendo dar-se ao estudo da lingua, se contentão com escrevê-la sem erros.

Antonio Alves Pereira Coruja

Subscreve-se no Ouro Preto na Livraria de Bernardo Xavier Pinto de Sousa pela quantia de 3:500

ANECDOTA.

Santeuil se tinha sentado um dia em um confessorario, talvez para meditar em alguma obra: uma mulher julgando ser um confessor, se pôz de joelhos, e lhe contou toda a sua vida. A medida que o poeta rotava alguma cousa, a boa penitente, que pensava serem reprehensões, se dava pressa para acabar a sua confissão. Quando acabou, percebeu que o confessor não dizia cousa alguma: tornou pois o partido de lhe pedir a absolvição. "Por ventura eu sou padre?", lhe diz Santeuil "Como!", diz a mulher admirada: e para que me escutastes vós? E para que me fallaste tu? "torna Santeuil "Eu vou fazer queixa ao Prior", diz a mulher: "e eu a teu marido, respondeo Santeuil.

CHARADA.

O Sacramento Eucharistico
Aqui foi instituido 2
E aquelle outro do Baptismo
Ministrado aqui tem sido 2

Em Confraria
Ou Irmandade
Tem serventia
E utilidade.

(A.)

A charada do n. antecedente exprime o nome — Eufemea.